



A influência do mito: A mulher como origem do mal na sociedade ocidental.

Rafaela Karoline Batista¹
Ana Paula Oliveira²
Ricardo Grokorriski³

Resumo: *Percebemos que a mulher muitas vezes é retratada como algo negativo na filosofia, diminuindo a sua autonomia como Ser, em prol da manutenção do status homem (macho) como o Ser detentor e defensor do conhecimento. E para isso são utilizadas diversas estratégias de culpabilização construídas culturalmente desde de tempos tão longínquos que muitas vezes erroneamente a incorporamos como natural em nossa cotidianidade.*

Palavras-chave: Pandora. Mulher. Mito. Filosofia.

Objetivo

Perceber a influência do mito de Pandora (primeira mulher grega) sob a perspectiva de culpabilização e inferiorização social e intelectual da mulher na sociedade atual

Metodologia e Discussão

Analisando alguns referenciais presentes em nossa cotidianidade tanto do senso comum como acadêmico, percebemos a persistência do conceito de dualidade entre bem e mal, luz e trevas, ser e ausência. E, nesse mesmo contexto acabam sendo classificados macho e fêmea; conseqüentemente, o gênero humano deixa de ser um só para dar à fêmea o status de mulher, o outro, a ausência, o mal.

“Há um princípio bom que criou a ordem, a luz e o homem, e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher.” (PITÁGORAS apud BEAUVOIR, 2016, p. 7)

Dessa forma o homem se torna o Sujeito, o Absoluto; e ela é o Outro.” (BEAUVOIR, 2016). A mulher não é mais apenas mulher enquanto fêmea, passando a ser uma construção social servindo a um determinado papel, “Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade.” (BEAUVOIR, 2016) e nem existência por si mesma, mas em comparação afirmando-se como Outro em relação ao Ser “a mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial.

Origem mitológica da mulher

Dentro de todo o mistério que ronda a origem humana surgem mitos e teorias ao redor do mundo cada um com a suas particularidades, mas também com semelhanças no que diz respeito a princípios básicos. Rege sempre a teoria da criação do homem através de um ser divino e da mulher posteriormente criada relativamente ao homem e como se não bastasse trazendo consigo alguma tragédia.

¹ Acadêmica de Licenciatura em filosofia, 6º período, IESSA, rafhakaroline@gmail.com

² Acadêmica de Licenciatura em filosofia, 6º período, IESSA, anaoliveiraslombo@gmail.com

³ Professor Orientador, IESSA, grokorriski@gmail.com

A mulher é um homem incompleto, segundo Tomás de Aquino (apud Beauvoir, 2016, p. 12).

O mito⁴ surge com o objetivo de explicar os conflitos presentes na realidade. Antes que houvesse a ciência foi preciso pensar formas de explicar os fenômenos com o que havia à disposição, o senso comum. Mesmo não partindo do rigor científico esse tipo de conhecimento não pode ser ignorado, pois por mais místico e fantasioso que possa parecer, eles formam a base para o desenvolvimento dos estudos posteriores; “o conceito do mal que está profundamente arraigado nas sociedades primitivas e também nas duas principais tradições culturais as quais, apesar de significantes diferenças, modelam a moderna civilização ocidental, isto é, as tradições grega e judaico-cristã” (LAURIOLA, 2005)

O que nos conta a gênese grega é que a primeira mulher é dada como um castigo aos homens que viviam felizes e sem preocupações. O estereótipo belo e inocente é responsável por camuflar todo mal que ela trazia para a vida tranquila do homem. A mulher que cuida da casa, dos filhos e do marido é também um fardo para o cidadão grego.

“...E então [Prometeu] feriu profundamente o coração de Zeus, o alto senhor do trovão, que ficou furioso quando ele viu ao longe a luz do fogo entre os homens, e imediatamente ele lhes deu um problema para que apagassem o fogo.

O famoso deus Pacífico misturou argila e lhe deu a forma de uma virgem tímida, exatamente como Zeus queria,
E Athena, a deusa de olhos de coruja,
A vestiu em roupas prateadas
E com suas próprias mãos lhe colocou um véu na cabeça,
Uma coisa complexa, bonita de se olhar
[...]

Da sua raça vem a raça das mulheres fêmeas,
Essa raça mortifica e população de mulheres,
Uma grande infestação entre os homens mortais,
Que viviam com riqueza e sem pobreza.” (HESÍODO apud LAURIOLA, 2005)

Pandora é um objeto, privada de subjetividade a não ser o cumprimento da vontade de Zeus de castigar os homens, condenada a disseminar o mal que por vezes pode vim misturado com algum bem; mas ainda sim um fardo. Não se fala se de alguma maneira ela tinha consciência da missão que lhe foi dada, pois mesmo lhe sendo dadas virtudes pelos próprios deuses ela não é autônoma, em nenhum momento se demonstra a possibilidade de escolha em relação ao seu destino. Seu mistério poderia ter fascinado e dominado o gênero masculino, mas ao contrário disso ela se torna apenas um peso hipnotizante. O outro, o oposto da astúcia masculina capaz de roubar e ludibriar os deuses.

“Pandora é um instrumento nas mãos de Zeus. É ele quem decide introduzi-la como a fonte de todos os problemas. É Zeus quem cria, através de Pandora, um tipo específico de mal, o mal do engano, que é atraente e bonito por fora, que parece ser algo bom (uma mocinha casta e tímida), mas que esconde coisas ruins dentro [...]”. (LAURIOLA, 2005)

Em um primeiro momento essa pode parecer apenas uma história inocente contada na Grécia antiga, contudo se analisar um pouco mais atentamente é possível perceber que ainda hoje temos o reflexo dessa concepção em nossa sociedade, como por exemplo na falta de independência social e intelectual da mulher diante de um público

⁴ Teremos aqui a mitologia grega para não correr o risco de perder o foco com questões religiosas quando o nosso objetivo é relatar a representação da mulher desde as primeiras expressões filosóficas e de nenhum modo questionar a fé particular em relação à gênese humana.

como diz Beauvoir (2016, p.11) “Se quero definir-me sou obrigada inicialmente a declarar: ‘Sou uma mulher.’ Essa verdade constitui o fundo sobre o qual se erguerá qualquer outra afirmação. Um homem não começa nunca por se apresentar como um indivíduo de determinado sexo: que seja homem é evidente” (BEAUVOIR, 2016, p. 11). A mulher é sempre comparada e subjugada em relação a um homem principalmente no campo filosófico, onde poucas vezes citamos seus nomes e quando acontece normalmente estão atrelados a escândalos referentes a sua vida pessoal. A mulher é sempre culpada por ser não cumprir devidamente o seu papel de mulher na sociedade incumbindo no risco de não ser considerada uma “mulher de verdade”

Considerações finais

Segundo a mitologia grega e a cultura patriarcal instaurada em nossa sociedade a fêmea nunca atingiu sua plenitude, muito menos liberdade em relação ao macho. Percebemos dessa forma que a designação do termo “mulher” não é simplesmente uma nomenclatura para identificação de um gênero mas uma conceituação funcional carregada de sentido místico e cultural que incumbe em peso de culpa carregado pela por esses seres.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: Fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Ed. 3, 2016. Tradução: Sérgio Milliet.

LAURIOLA, Rosanna. **Pandora, o mal em forma de beleza: o nascimento do Mal no mundo grego antigo**. Revista Espaço Acadêmico. n 52. Set 2005.